

«O seu romance mais ambicioso e conseguido.» [*Guardian*]

Kate  
Atkinson



Um Deus  
em Ruínas

RELÓGIO D'ÁGUA

# Um Deus em Ruínas

Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 218 474 450  
fax: 218 470 775  
relogiodagua@relogiodagua.pt  
***www.relogiodagua.pt***

Copyright © Kate Costello Ltd, 2015

Título: Um Deus em Ruínas  
Título original: *A God in Ruins* (2015)  
Autora: Kate Atkinson  
Tradução e notas: Mara Vieira Neves  
Revisão de texto: Madalena Fragoso  
Capa: Carlos César Vasconcelos ([www.cvasconcelos.com](http://www.cvasconcelos.com))

© Relógio D'Água Editores, agosto de 2017

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:  
***www.relogiodagua.pt***

ISBN 978-989-641-754-3

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores  
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.  
Depósito Legal n.º 428852/17

Kate Atkinson

# Um Deus em Ruínas

Tradução de  
Mara Vieira Neves

Ficções

*30 de Março de 1944*

## O Último Voo

*Naseby*

Caminhou até à sebe que delimitava o campo de aviação.

Um antigo ritual de reconhecimento de fronteiras. Os homens chamavam-lhe o seu «passeio higiénico diário» e inquietavam-se se não o fazia. Eram supersticiosos. Todos eles.

Para lá da sebe ficavam os campos nus, arados no outono anterior. Não esperava assistir à alquimia da primavera, ver o castanho embotado da terra passar a verde vivo e depois a ouro pálido. Um homem podia medir a sua vida pelo número de colheitas. Tinha visto que chegasse.

Estavam rodeados por terras planas de cultivo. A casa de quinta ficava mais à esquerda, sólida e imóvel. De noite, acendiam uma luz vermelha no telhado para impedir que os aviões fossem contra ela. Se a sobrevoavam, quando se preparavam para aterrar, sabiam que tinham ultrapassado a pista e que estavam em dificuldades.

Do lugar onde estava, podia ver a filha do lavrador, no terreiro, a dar de comer aos gansos. Não havia uma lengalenga sobre a filha de um lavrador? Não, estava, provavelmente, a pensar naquela da mulher do lavrador que cortava a cauda a três ratos com um cutelo. Uma imagem atroz. Pobres ratos, pensava quando era miúdo. Continuava a pensar o mesmo, agora que era um homem. As lengalengas eram sempre tão violentas.

Nunca conhecera a filha do lavrador, nem sequer sabia o seu nome, mas tinha por ela uma afeição desmesurada. Acenava-lhes sempre em sinal de despedida quando descolavam. Às vezes, acompanhava-a o pai, e uma ou duas vezes a mãe, mas a presença da rapariga no terreiro era uma constante em todas as missões.

A rapariga viu-o e acenou-lhe. Ele fez-lhe a saudação militar para retribuir o gesto. Imaginou que apreciasse. Obviamente, àquela distância, ele era apenas um uniforme. A rapariga não fazia ideia de quem fosse. Era um entre tantos outros.

Teddy assobiou para chamar o cão.

1925

## Alouette

— Olha! — disse ele. — Ali, uma cotovia. — Virou-se para ela e viu que olhava na direção errada. — Não, ali — disse ele, apontando. Ela era um caso absolutamente perdido.

— Ah — disse ela por fim. — Sim, estou a ver! Que estranho... O que está ela a fazer?

— A planar e depois provavelmente volta a subir. — A cotovia elevou-se no ar entoando o seu canto transcendental. O voo trémulo do pássaro e a beleza da sua música despertaram nele um emoção profunda e inesperada. — Estás a ouvir?

A sua tia pôs a mão em concha sobre a orelha num gesto teatral. Era excêntrica como um pavão, com o seu chapéu insólito, vermelho como um marco de correio, com duas grandes penas de cauda de faisão, que se agitavam ao mais pequeno movimento da cabeça. Não se surpreenderia se alguém lhe desse um tiro. *Quem me dera*, pensou ele. Teddy estava autorizado — autorizava-se a si mesmo — a ter pensamentos bárbaros desde que não os pronunciasse em voz alta. («As boas maneiras», dizia sempre a mãe, eram «a armadura que devemos vestir todas as manhãs ao acordar.»)

— A ouvir o quê? — disse a tia por fim.

— O canto — respondeu ele, enchendo-se de paciência. — O canto da cotovia. Agora parou — acrescentou ele, já que ela continuava a esticar a orelha em pose teatral.

— Pode ser que recomece.

— Não, não recomeça. Foi-se embora. Voou. — Bateu os braços a título ilustrativo. Apesar das penas que tinha no chapéu, era evidente

que não sabia nada sobre pássaros. Nem, de resto, sobre animal nenhum. Não tinha sequer um gato. Era indiferente a *Trixie*, a sua Lurcher, que nesse preciso momento, de nariz colado ao chão, explorava com entusiasmo a vala seca ao longo da estrada. *Trixie* era uma companheira fidelíssima, estava com Teddy desde cachorrinha, era tão pequena que passava pela porta da casa de bonecas da irmã.

Teria de ensinar coisas à sua tia?, interrogou-se. Era por isso que ali estavam?

— A cotovia é conhecida pelo seu canto — disse de modo instrutivo. — É muito bonito.

Era evidentemente impossível ensinar a alguém o que fosse a beleza. *Existia* simplesmente. Ou se era tocado por ela ou não se era. As suas irmãs, Pamela e Ursula, eram. O irmão mais velho, Maurice, não era. O seu irmão Jimmy era pequeno de mais para saber o que era a beleza, o seu pai, talvez demasiado velho. O pai, Hugh, tinha um disco de gramofone chamado «O voo da cotovia», que às vezes ouviam nas tardes chuvosas de domingo. Era bonito, mas não tão bonito como o canto da cotovia ao natural. «O propósito da arte», dizia — professava mesmo — Sylvie, sua mãe, «é *exprimir* a verdade de uma coisa, não *ser* a verdade em si.» O seu próprio pai, avô de Teddy, morto há muito tempo, fora um artista famoso, uma relação de parentesco que dava à sua mãe autoridade em matéria de arte. E de beleza também, imaginava Teddy. Todas estas coisas — Arte, Verdade, Beleza — tinham letra maiúscula quando a mãe falava sobre elas.

— Quando a cotovia voa alto — retomou sem grande esperança — significa que está bom tempo.

— Bom, não precisamos de um pássaro para saber se o tempo está bom ou mau, basta olhar à volta — disse Izzie. — E está uma tarde gloriosa. Eu adoro o sol — acrescentou, fechando os olhos e erguendo o rosto maquilhado para o céu.

E quem não adorava?, pensou Tedd. Talvez a sua avó, que levava uma vida melancólica, encerrada no salão de Hampstead, com as suas pesadas cortinas de algodão, sempre corridas, para impedir que a luz entrasse. Ou talvez para impedir a escuridão de sair.

«O Código do Cavaleiro», que aprendera de cor no *Escutismo para Rapazes*, um livro a que voltava frequentemente em tempos de incerteza, mesmo agora que já não fazia parte dos escuteiros, exigia que os rapazes se dispusessem a executar «as mais penosas e humildes tarefas com boa disposição e boa vontade». Talvez fazer companhia à tia Izzie fosse uma dessas tarefas. Penosa era, certamente.

Protegeu os olhos do sol com a mão e percorreu os céus à procura da cotovia. A ave não voltou a aparecer e teve de se contentar com o voo acrobático das andorinhas. Pensou em Ícaro e perguntou-se que aspeto teria visto de terra. Devia ser muito grande. Mas Ícaro era um mito, não era? Teddy ia para o colégio interno a seguir às férias de verão e tinha mesmo de começar a pôr os seus conhecimentos em ordem.

— Sê estoico, rapaz — recomendou-lhe o pai. — Será uma provação, e, na verdade, é esse o objetivo, suponho eu. O melhor é não criar grandes ondas — acrescentou. — Não mergulhar nem ficar à tona, adotar um meio termo.

«Todos os homens da família frequentaram essa escola», dissera a avó de Hampstead (a sua única avó, a mãe de Sylvie morrera há muito), como se fosse uma lei que vigorasse desde tempos imemoriais. O filho de Teddy teria a mesma sorte, provavelmente, embora esse rapaz existisse num futuro que Teddy não era sequer capaz de imaginar. E a verdade é que não seria preciso, porque não viria a ter filhos, só uma filha, Viola, coisa que haveria de lhe causar tristeza, apesar de nunca falar sobre isso, muito menos com Viola, que ficaria mortalmente ofendida.

Teddy surpreendeu-se quando Izzie se pôs inesperadamente a cantar e — coisa mais extraordinária — a dançar.

— *Alouette, gentille Alouette.*

Ele não sabia nada de francês e pareceu-lhe que em vez de «gentille» ela dizia «javali», um animal de que gostava bastante.

— Conheces esta canção? — perguntou-lhe ela.

— Não.

— É dos tempos da guerra. Cantavam-na os soldados franceses. — A sombra fugaz de qualquer coisa — amargura talvez — passou-lhe pelo rosto, mas, logo a seguir, disse alegremente: — A letra é horrível. É sobre um pobre de um pássaro a quem arrancam as penas, os olhos, as pernas, etc.

Naquela inconcebível e no entanto inevitável guerra que ainda estava para vir — a guerra de Teddy —, *Alouette* seria o nome do Esquadrão 425, o dos franco-canadianos. Em fevereiro de 1944, pouco antes do seu último voo, Teddy fizera uma aterragem de emergência na sua base em Tholthorpe, com dois dos motores em chamas — fora atingido ao atravessar o Canal da Mancha. Os quebequenses serviram aguardente à sua tripulação — uma aguardente bastante grosseira que não obstante aceitaram reconhecidos. A insígnia do esquadrão tinha uma andorinha sobre o mote *Je te plumerais*, que lhe recordara esse dia passado com Izzie. Era uma recordação que parecia pertencer a outra pessoa.

Izzie fez uma pirueta.

— Belas cotovias havemos de caçar! — disse ela rindo. Seria isto a que o pai se referia quando dizia que Izzie era «completamente desequilibrada»?

— Desculpa?

— Belas cotovias havemos de caçar — repetiu Izzie. — *Grandes Esperanças*. Não leste? — Por um instante, e para surpresa sua, lembrou-lhe a sua mãe. — Estava a brincar, evidentemente, porque já cá não está. A cotovia, digo eu. Voou, foi-se — disse ela num ridículo sotaque cockney. E, a seguir, como quem não quer a coisa: — Já provei cotovia. Em Itália. É considerada uma iguaria. A verdade é que não há muito que comer numa cotovia. Uma coisa de nada.

Teddy estremeceu. A ideia de arrancar aos céus aquele sublime pássaro, de interromper em pleno voo o seu canto arrebatador, era-lhe insuportável. Muitos, muitos anos mais tarde, no início dos anos setenta, Viola descobriu Emily Dickinson numa cadeira de Estudos Americanos que fazia parte da licenciatura. Com a sua letra quase ininteligível, copiou o primeiro verso de um poema que julgou que o seu pai gostaria (era demasiado preguiçosa para transcrever o poema inteiro). «Disseca a Cotovia — e a Música acharás — Bulbo após Bulbo, a flutuar em Prata.»<sup>1</sup> Surpreendeu-o que tivesse pensado nele. Não era seu costume. A literatura era uma das poucas coisas que tinham em comum, embora raramente, ou mesmo nunca, falassem de literatura. Pensou em enviar-lhe qualquer coisa em troca, um poema, uns versos escolhidos até, para comunicar com ela. «Ave, 'sprito! — certo, tu nunca foste ave»<sup>2</sup>, ou «Ouve, os pássaros entoam felizes o seu canto e celebram o amor»<sup>3</sup>, ou «Etérea Menestrel! Peregrina dos céus! Desprezas tu a terra onde abundam os tormentos?»<sup>4</sup> (Haveria poeta que *não* tivesse escrito sobre a cotovia?) Receou que a filha pensasse que ele estava, de alguma forma, a ser condescendente com ela, refractária como era a aprender fosse o que fosse com ele, e possivelmente com qualquer outra pessoa, e por isso acabou por lhe escrever dizendo apenas: «Obrigado por teres lembrado de mim.»

Antes que se pudesse conter — caiu-lhe a armadura das boas maneiras — disse:

— Comer cotovias é uma coisa *nojenta*, tia Izzie.

— *Nojenta* porquê? Tu comes galinhas e coisas do género, ou não comes? Qual é a diferença, diz lá?

Izzie tinha sido condutora de ambulâncias durante a Grande Guerra. Dificilmente se impressionava com aves mortas.

Uma diferença abissal, pensou Teddy, embora não pudesse deixar de se perguntar a que saberia uma cotovia. Felizmente, *Trixie* distraiu-o deste pensamento, ladrando desvairada a qualquer coisa. Agachou-se para ver o que era.

— Oh, olha, um licranço — disse para si satisfeito, esquecendo-se da cotovia. Pegou nele delicadamente com as duas mãos e mostrou-o a Izzie.

— Uma cobra? — perguntou ela, fazendo uma careta. Pelos vistos, as cobras não tinham para ela qualquer encanto.

— Não, é um licranço — respondeu Teddy. — Não é uma cobra nem uma lagarta. Na verdade, é um lagarto. — As suas escamas lustrosas de bronze dourado brilhavam ao sol. Também era belo. Haveria alguma coisa na natureza que o não fosse? Até as lesmas mereciam um certo respeito, embora a sua mãe as dispensasse.

— Que rapazinho curioso que tu és — disse Izzie.

Teddy não se considerava um «rapazinho». Pensou que a tia — a irmã mais nova do pai — ainda percebia menos de rapazes do que de animais. Não conseguia perceber por que razão o tinha raptado. Era sábado, a seguir ao almoço, ele andava a cirandar pelo jardim, a fazer aviões de papel com o Jimmy, quando Izzie aparecera e o convencera a ir dar um passeio «pelo campo» com ela, referindo-se, ao que parecia, à estrada que ia de Fox Corner à estação de comboios, o que dificilmente se poderia considerar natureza selvagem.

— Uma pequena aventura. E conversávamos um bocadinho. Não era giro?

E agora ali estava, à mercê dos caprichos da tia, que caminhava a seu lado, fazendo-lhe perguntas estranhas: «Já alguma vez comeste uma minhoca? Brincas aos índios e aos *cowboys*? O que queres ser quando fores grande?» (Não. Sim. Maquinista.)

Voltou a pôr o licranço cuidadosamente na erva e, para compensá-la do seu fracasso com a cotovia, brindou-a com as campainhas azuis.

— Temos de atravessar o campo para chegar ao bosque — disse ele, lançando um olhar duvidoso aos sapatos dela. Pareciam feitos de pele de crocodilo, tingidos de um verde berrante que nenhum crocodilo que se prezasse teria consentido. Eram novinhos em folha e visivelmente inadequados para andar pelos campos. A tarde findava e o gado leiteiro que pastava naquelas terras estava, por sorte, ausente. As vacas, essas enormes criaturas de olhos doces e inquiridores, não saberiam o que pensar de Izzie.

Rasgou uma manga ao passar a vedação e a seguir enfiou um dos seus sapatos de pele de crocodilo numa bosta de vaca que outra pessoa

qualquer teria visto imediatamente. Subiu um pouco na consideração de Teddy pela admirável e despreocupada jovialidade com que encarou os dois contratemplos. («Imagino», disse mais tarde a mãe, «que deite simplesmente fora os artigos lesados.»)

No entanto, desiluiu-o a indiferença com que reagiu perante as campanhas azuis. Em Fox Corner, a exposição anual era acolhida com a mesma reverência que outros concediam aos Grandes Mestres. Os visitantes eram conduzidos com orgulho aos bosques para que admirassem aquela mancha de azul aparentemente infinita. «Wordsworth tinha os seus narcisos», dizia Sylvie, «Nós temos as nossas campanhas azuis.» As campanhas não eram *deles*, de forma alguma, mas a mãe tinha uma certa tendência para se apropriar das coisas.

Quando regressavam pela estrada, Teddy sentiu um súbito estremecimento no peito, uma espécie de júbilo no coração. A memória do canto da cotovia e o perfume inebriante do grande ramo de campanhas que colhera para a sua mãe combinaram-se para criar um instante de puro arrebatamento, uma euforia que parecia ser o prenúncio da revelação de todos os mistérios. («Existe um mundo de luz», dizia a irmã Ursula. «Só não o vemos por causa da escuridão.» «A nossa querida maniqueísta», dizia Hugh afetuosamente.)